

A HERANÇA EN(CENA) NOS ESPECTROS DE DERRIDA

Nathan Braga Fontoura¹

RESUMO

O objetivo do presente texto consiste em apresentar a noção de *herança* como um quase-conceito imprescindível para o chamado ‘pensamento da desconstrução’ do pensador franco-argelino Jacques Derrida. Além disso, introduz a discussão sobre a herança enquanto algo incontornável ao âmbito do pensamento em geral. Para isso, nós faremos uma leitura da obra *Espectros de Marx* (1994), com o intuito de mostrar aos leitores a inseparável relação entre a herança e os espectros, buscando enfatizar seu papel como uma ação, uma atividade, uma contraditória tarefa que exige escolha e responsabilidade diante do que não se escolheu receber.

PALAVRAS-CHAVE

Desconstrução; Derrida; Espectro; Herança

ABSTRACT

The purpose of this paper is to present the notion of *inheritance* as an essential quasi-concept to the so-called ‘deconstruction thinking’ by the French-Algerian thinker Jacques Derrida. Furthermore, it introduces the debate over inheritance as something that is unavoidable to the thinking scope in general. For this to happen, we are going to make a reading of *Spectres of Marx* (1994), in order to showing the readers the inseparable relation between inheritance and spectres, trying to emphasize its role as an action, a contradictory task that demands choice and responsibility in front of what did not choose to receive.

KEYWORDS

Deconstruction; Derrida; Spectre; Inheritance

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui Bacharelado e Licenciatura em Filosofia pela mesma instituição.

Introdução

Derrida não cessou de enfatizar em diversos textos que a desconstrução, embora sempre singular, não é única, quer dizer, se há uma, esta, na verdade, *não é uma só*. Se houver, segundo a irreduzível modalidade do ‘talvez’, se houver mais de uma, significa que ela fala *mais de uma língua*², por vocação. Para nosso filósofo, esteve claro, desde o início, que deveríamos nos referir a ela no plural, isto é, como ‘desconstruções’, pois que cada momento dessa experiência ímpar está associado a certas figuras da singularidade, em particular àquelas do idioma. Em diferentes ocasiões, Derrida afirmou que se tivesse de arriscar uma breve definição para as desconstruções como uma palavra de ordem diria: ‘mais de uma língua’ (*plus d’une langue*). Bernardo (2017) afirma que a idiomaticidade da Desconstrução derridiana passa precisamente pela sua atenção, bem como por sua (in)fidelidade, a esta expressão ‘*plus d’une*’, cuja lógica marca tanto um excesso, uma pluralidade, quanto uma falta, uma insuficiência, em virtude de sua relação com a irrupção – e a interrupção, a separação – da alteridade absolutamente outra.

Ao lidar com a desconstrução de Derrida, aprendemos que não devemos nunca renunciar a desconstruir os seus (im)próprios instrumentos. Antes, é preciso saber deslocá-los sem hesitar, substituindo-os por outros, de acordo com as exigências da estratégia em voga. Trata-se de uma infinita tarefa: não sendo uma metodologia, a desconstrução deve impulsionar incessantemente a crítica dos instrumentos da crítica, assim como a ideia mesma de ‘crítica’. Em diversas vezes, Derrida buscou mostrar que a desconstrução – a qual não é negativa na sua essência ou ao longo de seu movimento – não é simplesmente uma crítica, uma continuadora da excepcional tradição crítica surgida na modernidade. A necessidade da crítica, do *krinein*, possui uma história a qual Derrida não é completamente estranho, pois, mesmo no momento de fazer ‘a crítica da crítica’, ele aprecia manter-se (in)fiel a certas heranças importantes para pensar a atividade crítica, como, por exemplo, a kantiana e a marxiana.

Diferentemente do que o senso comum e certos críticos pensam³, a desconstrução

2 A esse respeito, sugerimos a leitura de *O monolinguismo do outro* (2001), um importante ensaio no qual Derrida discute quase que poeticamente a sua relação singular com a língua francesa.

3 Embora tenha feito advertências constantes ao longo de sua trajetória como filósofo profissional, Derrida não pôde evitar que o termo ‘desconstrução’ fosse atrelado fortemente ao seu trabalho. Mas ele jamais o subscreveu de modo abusivo e indiscriminado, como fizeram comentadores, críticos, veículos midiáticos e até mesmo uma parte do senso comum, dando preferência à utilização de aspas e plural (‘desconstruções’). Entre os críticos de seu trabalho, destaca-se o filósofo Jürgen Habermas que, em seu *Discurso filosófico da modernidade* (1985), insistiu em equivaler desconstrução e destruição: “O trabalho rebelde de desconstrução visa à destruição das hierarquias habituais de conceitos básicos, à derrubada de

derridiana mobiliza inúmeras heranças, pois que herda linguagens, lógicas, perspectivas, sistemas etc., traduzindo-as para o seu (im)próprio idioma singular. Nesse processo, quem herda incumbe-se da responsabilidade de interrogar, reavaliar e selecionar o que é herdado em determinada situação, de modo que esse gesto passe a correr o risco de ser (in)fiel a ‘mais de uma’ tradição. Enquanto pensador, Derrida admite que trabalha com algumas tradições filosóficas e a partir de sua língua, um certo francês, argelino demais para poder ser considerado francês propriamente. Mas essa limitação, ou antes, essa particularidade, em nada obstaculiza que seu pensamento seja assumidamente responsável por “[...] herdar de maneira ativa, afirmativa, transformadora, fiel infiel como sempre, infiel por fidelidade” (Derrida, 2001b, p. 336).

Este artigo não tratará de toda aparição/inscrição do quase-conceito⁴ ‘herança’ pelos textos de Derrida, nem pretende dar conta da totalidade de suas implicações e/ou possibilidades de significação – afinal, não seria coerente com o chamado pensamento da desconstrução tentar apreender inteiramente uma noção, tornando-a um conceito fechado em si mesmo. O recorte que fazemos aqui compreende, sobretudo, alguns textos onde o tema em questão aparece com uma frequência maior, seja diretamente ou de maneira transversal, em meio a outros debates que eventualmente o referenciam. Estando a par dessa decisão – e dos riscos que lhes são inerentes –, pretendemos situar *em cena*⁵ certas

contextos de fundação e de relações conceituais de dominação, como entre a fala e a escritura, entre o inteligível e o sensível, a natureza e a cultura, o interno e o externo, o espírito e a matéria, o homem e a mulher” (Habermas, 2000, p. 264).

4 Os sistemas de pensamento tradicionais produzem conceitos que contêm em si mesmos o motivo da repressão última da diferença, um pressuposto que Derrida busca evitar a qualquer custo. É nesse contexto, então, que ele põe a trabalhar, tanto na textualidade filosófica quanto na exclusivamente literária, certas marcas que fazem a ‘estratégia geral da desconstrução’ funcionar: os *indecidíveis*, elementos ambivalentes sem natureza própria que diferem o princípio de discernibilidade da filosofia ocidental e, por conseguinte, interdita as ações clausurantes das lógicas binárias e/ou hierárquicas da tradição, inclusive obstaculizando que eles mesmos possam ser reduzidos a estas. O discurso dominante do pensamento filosófico ocidental encontra no platonismo o seu principal fundamento. A ontologia platônica baseia-se na possibilidade da distinção entre o verdadeiro (realidade inteligível substancial) e o falso (aparência, fenômeno). Segundo esta filosofia, a verdade sobre algo que é autoriza que se possa decidir a seu respeito. A lógica dos indecíveis embaralha essa demarcação e deixa o texto em geral aberto para outras possibilidades. Derrida atenta para que não tomemos os indecíveis isoladamente, como abstrações, mas que os leiamos numa cadeia contextual determinada.

5 Segundo Solis (2009), admitindo por analogia o conceito de *cinograma* do arquiteto e escritor Bernard Tschumi, o qual configura cenas em movimento e sucessão, a desconstrução trabalha com a ideia de que o espaço de questões a serem analisadas compreende um conjunto de cenas em andamento constante, porém autônomas e independentes umas das outras, uma vez que respeitam a descontinuidade e o deslocamento e, como consequência, a possibilidade de combinações e fragmentações múltiplas.

aparições deste quase-conceito.

A escolha por essa palavra – ‘cena’ – não é feita fortuitamente, visto que ela detém uma importância para Derrida e a desconstrução devido às suas significações variadas: em ambientes de espetáculo, uma cena *literalmente* significa o local no qual uma história é representada pelos artistas/personagens, ou seja, o cenário onde uma trama se desenrola; uma cena pode ser a ação ou o fato que desperta nossa atenção e interesse, ou simplesmente o conjunto do que se oferece à vista; uma cena pode ser também toda situação concernente ao desenvolvimento de um enredo ou uma narrativa etc., seja a plenitude de uma representação ou apenas uma parte sua; cena quer dizer, inclusive, um acontecimento que se apresenta enquanto desagradável, escandaloso, falso, fingido, inconveniente; em suma, uma cena é tudo o que acontece diante de um observador. Em alguns textos derridianos encontramos cenas em que a herança está implicada, e é a partir delas que buscaremos entender um pouco mais acerca dessa experiência e quase-conceito.

Cenas espectrais

As primeiras cenas que aqui evocamos para falar sobre herança não poderiam ser outras senão aquelas que aparecem nos *Espectros de Marx*. Esse importantíssimo texto de Derrida é fruto de uma conferência pronunciada em abril de 1993 na Universidade da Califórnia. Nessa ocasião, discutia-se a respeito de um destino possível para os marxismos em um mundo pós-Guerra Fria, formalmente marcado pela suposta vitória do capitalismo neoliberal. Partindo de uma discussão na qual o pensamento de Marx está colocado em jogo – e sob jugo –, Derrida descreve a herança em relação às categorias temporais tradicionais: passado, presente e futuro (ou porvir). Ao fazer isso, a propósito de uma certa política das gerações – logo, da herança e da memória –, o filósofo introduz o quase-conceito *espectro*: sem essência, existência ou substância, o espectro nunca esteve/foi, está/é ou estará/será presente enquanto tal.

No *Exórdio dos Espectros*, Derrida apresenta o ‘segredo’ para ‘aprender a viver’ enquanto um exemplo extraordinário a ser seguido:

[...] aprender a viver *com* os fantasmas [espectros], no encontro, na companhia ou no corporativismo, no comércio sem comércio dos fantasmas. A viver de outro modo, e melhor. Não melhor, mais justamente. Mas *com* eles. Não há *estar-com* o outro, não há *socius* sem este *com* que, para nós, torna o *estar-com* em geral mais enigmático do que nunca. (Derrida, 1994, p. 11, grifo do autor)

Ordem, porém, também, simples tentativa, o ‘aprender a viver’ engaja questões relativas à vida, à morte e ao que se acha na divisa entre elas – aqui representado pela expe-

riência espectral e/ou fantasmal. Essa modalidade outra de relação nos remete a certos outros que não estão presentes propriamente. Segundo Derrida, não há ética ou política efetivamente justa, pensável e possível sem reconhecer, por princípio, “(...) o respeito por esses outros que não estão mais ou por esses outros que ainda não estão aí, *presentemente vivos*, quer já estejam mortos, quer ainda não tenham nascido” (Derrida, 1994, p. 11, grifo do autor). Nesse sentido, quando assumimos algum legado nos tornamos responsáveis por algo que se encontra para além do presente vivo.

O espectral subverte o tempo tradicionalmente pensado sob as modalidades da presença: presente passado, presente atual (‘o agora’) e presente futuro. Ele desajunta e desajusta esse tipo de temporalidade, pois que sua lógica excede toda a presença enquanto presença a si. Furtivo, intempestivo, o aparecimento espectral escapa ao cálculo temporal que diariamente realizamos; seu tempo concerne a uma certa ‘não contemporaneidade a si do presente vivo’ e sua lei regente é a disjunção temporal. O espectral exige, portanto, outra logicidade⁶ para ser pensado, ainda que esta possa parecer paradoxal: “Voltada para o porvir, indo em sua direção, vem também daí, provém *do* porvir” (Derrida, 1994, p. 12, grifo do autor). Na medida em que os espectros e a herança operam com a ‘retenção temporária’ do passado e do futuro *simultaneamente* em um ‘presente’ – que não é o ‘presente vivo’ da comum linearidade temporal –, são quase-conceitos sinônimos usados na referência de uma tal situação.

A desordem do/no tempo ordena a discussão da aparentemente estabilizada relação entre passado, presente e futuro, de maneira que essas modalidades se confundam e/ou se contaminem pondo em jogo as diferenças, a interrupção e a suspensão destas identidades pressupostas: “Mesmo se do porvir é a sua procedência, este porvir deve ser, assim como toda procedência, absolutamente e irreversivelmente passado. ‘Experiência’ do passado como porvir [...] para além de toda modificação de um presente qualquer” (Derrida, 1994, p. 12). Nesta trama, os espectros, assim como a herança, não são alguma coisa que se dá na forma de um ente presente. Todavia, apesar dessa aparente dificuldade de lidar com os espectros, afirma Derrida: “*É preciso* contar com eles. Não se pode não dever, não se pode não poder contar com eles, que são mais de um: o *mais de um*”⁷ (Derrida, 1994, p. 13, grifo

6 Para Derrida, a lógica espectral é, de fato, uma lógica desconstrutiva, pois é no âmbito da espectralidade – ou da fantasmalidade – que a desconstrução encontra o ‘lugar’ mais hospitaleiro a ela, justamente no rastro que marca com antecipação a ausência de um presente.

7 Nos *Espectros*, Derrida explicita que esse ‘mais de um’ diz respeito tanto a pluralidade quanto a recusa da unidade: “*Mais de um*, isso pode significar uma multidão, quando não massas, a horda ou a sociedade, ou então uma população qualquer de fantasmas com ou sem povo, tal comunidade com ou sem chefe – mas também o *menos de um* da pura e simples dispersão. Sem reunião” (Derrida, 1994, p. 17, grifo do

do autor).

Segundo Derrida em *Espectros*, o espectro encontra-se, talvez, entre o corpo e o espírito; pode ser visto como uma aparição ou manifestação deste último (‘incorporação paradoxal’) na forma carnal e fenomenal⁸. De difícil nomeação, existe uma ambivalência nessa noção de espectro – nem alma nem corpo, mas, ao mesmo tempo, alma e corpo: *almacorpo*, para utilizar um termo cunhado por Solis (2014) – que está em sintonia com a dimensão aporética dos discursos aliados à desconstrução derridiana. Ainda que haja proximidades entre o espectro e o espírito, estes não possuem equivalência; com efeito, não sabemos precisamente o que eles têm em comum, ou melhor, se *presentemente são*: “É alguma coisa, justamente, e não se sabe se precisamente isto é, se isso existe, se isso responde por um nome e corresponde a uma essência” (Derrida, 1994, p. 21, grifo do autor). O ‘objeto’ em questão, esse ‘estar mas na verdade não estar-aí de um ausente’, não pertence à ordem daquilo que acreditamos saber conforme as normas do saber. O espectral desafia até a mais inflexível e fundamental ontologia⁹.

Não podemos propriamente tocar ou visualizar o espectro, contudo, este se faz sentir na medida de sua insistência. Além disso, não é simplesmente esse invisível-visível que possamos vislumbrar, mas uma ‘coisa’ que nos concerne e nos observa/vigia sem nenhuma possibilidade de reciprocidade, pois é um *absolutamente outro* que não pode nem tem como nos responder, a despeito de endereçar-se a nós. Eis uma dissimetria espectral que dessincroniza a alteridade espelhada: “esta Coisa olha para nós, no entanto, e vê-nos não vê-la mesmo quando ela está aí” (Derrida, 1994, p. 22). Derrida nomeia este fenômeno de *efeito de viseira*: somos incapazes de ver quem nos assiste, entretanto, podemos sentir sua visita. Por sua vez, este ‘quem’ não é determinado imediatamente enquanto consciência, ego, pessoa, sujeito etc., e sim como alguém na condição de *algum outro* que nos vê e pelo

autor).

8 A carne e a fenomenalidade conferem ao espírito sua aparição espectral, no entanto, enquanto espectro o espírito desaparece no ato desta aparição mesma. Por essa razão que a incorporação é, por princípio, paradoxal. O espectro é alguma coisa visível, mas da ordem de um invisível visível. Trata-se da visibilidade de um ‘corpo’ que não está presente em carne e osso nem é tangível. O espectro ou o fantasma (*phantom*) preserva a referência ao fenômeno, aquilo que aparece para uma visão à luz da claridade do dia. No caso da espectralidade – ou da fantasmalidade –, alguma coisa torna-se quase visível apenas na medida em que esta coisa não é precisamente visível. Para Derrida, isso refere-se a uma visibilidade noturna.

9 Sobre isso, Derrida cunhou a expressão ‘*hantologie*’: derivada da junção do verbo ‘*hanter*’ (obsidiar = assediar, espiar, perturbar, seguir etc.) com ‘*ontologie*’ (literalmente ontologia). Juntas, elas formam *hantologia* com h (a tradução brasileira utilizada optou por *obsidiologia*). A hantologia diz respeito a uma lógica espectral da obsessão, da repetição (sempre do outro graças à singularidade). Ela é mais extensa e poderosa que a habitual ontologia – ou o pensamento do ser – uma vez que a compreende, bem como as suas áreas particulares (a escatologia e a teleologia).

qual nos sentimos vigiados.

“Que nos sintamos vistos por um olhar com que sempre será impossível cruzar, aí está o *efeito de viseira*, a partir de que herdamos a lei” (Derrida, 1994, p. 23, grifo do autor). Essa é lei da anacronia, pois que o espectro, estando fora de sincronia, jamais corresponderá absolutamente ao nosso olhar; podendo ser da ordem de uma geração, de mais de uma, inclusive, o espectral é orientado segundo uma anterioridade dissimétrica infinita. Essa ideia se apresenta na relação com a herança também. Somos herdeiros evidentemente porque outros vieram antes de nós; somos diante desses outros, devido a eles, todavia, impossibilitados de uma efetiva troca com eles. Isso se dá em razão de uma diferença geracional irreduzível e da dissimetria que opera nessas relações. Deste modo, nunca poderemos resolver totalmente uma dívida que é imprescritível, apenas continuar respondendo a ela.

Ao chegarem, os espectros impõem heranças legadas por todos os que vieram antes. Em relação a isso, cabe-nos como tarefa decidir o que fazer com essas imposições. A filosofia serve como exemplo para pensarmos essa problemática: enquanto um amplo, complexo, domínio do saber, a filosofia incorpora inúmeros pensamentos, possibilidades, sistemas, tradições etc., aos quais devem responder todos aqueles que se engajam na árdua atividade que consiste em estudar o pensamento filosófico. Obviamente é humanamente impossível responder por tudo aquilo que é produzido no âmbito da filosofia, assim como não assimilamos automaticamente todos esses saberes que são apresentados. Assumir e responsabilizar-se por determinada filosofia, desta ou de outras gerações, depende de um acolhimento criterioso, interessado e seletivo desse legado.¹⁰

Em *Espectros*, a questão da herança aparece sobretudo no contexto da relação de Derrida com o futuro do pensamento marxiano. Segundo o autor, a herança marxiana é determinante de maneira profunda na contemporaneidade que vivemos:

Será sempre um erro não ler, reler e discutir Marx. Isto é, também alguns outros – e para além da “leitura” ou da “discussão” acadêmica. Cada vez mais será um erro, uma falta de responsabilidade teórica, filosófica, política. Uma vez que a máquina de dogmas e os aparelhos ideológicos “marxistas” (Estados, partidos, células, sindicatos e outros lugares de produção doutrinária) se encontram em curso de desaparecimento, não temos mais desculpas, somente álibis, para desviar-nos desta responsabilidade. Não haverá futuro sem isto. Não sem Marx, não há futuro sem Marx, sem a memória e sem a herança de Marx: em todo caso, de um certo Marx, de seu gênio, de um ao menos de seus espíritos. (Derrida, 1994, p. 29-30)

10 Nesse sentido, em Derrida e para Derrida, herdar não significa simplesmente apropriar-se de alguma informação, filiar-se a uma tradição qualquer ou puramente receber/recepcionar algum arquivo ou bem fixo e localizável. Para ele, a herança implica decisão, escolha, responsabilidade, seleção ativa e crítica, sejam estas ações conscientes e deliberadas ou não.

Essa afirmação categórica de Derrida fundamenta-se a partir da releitura que este fez de grandes textos marxianos, como, por exemplo, o *Manifesto Comunista* (1848), em colaboração com Engels, uma obra significativa que desde a sua frase de abertura evoca a figura do espectro. Justifica a sua posição ressaltando que a lição ali apresentada parece necessária e urgente para a atualidade do mundo.¹¹ Assim como muitos pensadores de sua geração, Derrida alimentou-se naturalmente da diversificada herança marxiana, embora somente nos *Espectros* que essas influências tenham se tornado transparentes. Contudo, devemos dizer, na década de 1960, Derrida já trabalhava em torno da ideia de legado com suas implicações práticas e teóricas.¹²

Para Derrida, devemos refletir sobre toda herança partindo de sua heterogeneidade necessária e radical, que é uma marca da diferencialidade não-opositiva e irreconciliável com o pensamento dialético – enfim, a *différance*. Na sequência, citemos uma importante passagem de *Espectros* que aborda diretamente essa questão:

Uma herança não se junta nunca, ela não é jamais una consigo mesmo. Sua unidade presumida, se existe, não pode consistir senão na *injunção* de *reafirmar escolhendo*. É preciso quer dizer é preciso filtrar, peneirar, criticar, é preciso escolher entre vários possíveis que habitam a mesma injunção. E habitam-na de modo contraditório, em torno de um segredo. Se a legibilidade de um legado fosse dada, natural, transparente, unívoca, se ela não pedisse e não desafiasse ao mesmo tempo a interpretação, não se teria nunca o que herdar. Seríamos afetados por isso como por uma causa – natural ou genética. Herda-se sempre um

11 Uma vez que, lembra Derrida, consideremos as advertências de Marx e Engels a respeito da historicidade irreduzível e do ‘envelhecimento’ possível de seus textos: “Que outro pensador, em tempo algum, esteve atento para esse fato de forma tão explícita? Quem jamais invocou a *transformação*, ainda por vir, de suas próprias teses? Não somente por obra de algum enriquecimento progressivo do conhecimento, que em nada mudaria a ordem de um sistema, mas a fim de levar em conta, uma outra conta, os efeitos de ruptura ou de reestruturação? E a fim de acolher antecipadamente, para além de toda programação possível, a imprevisibilidade dos novos saberes, das novas técnicas, das novas distribuições políticas?” (Derrida, 1994, p. 29, grifo do autor). Essas questões tornam evidente como o pensamento marxiano esteve sempre aberto à possibilidade de reinvenção da sua própria herança.

12 Um exemplo disso é o texto *A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas* (1966), posteriormente incluído em *A escritura e a diferença* (1967). A propósito de certos discursos ditos ‘destruidores’ da metafísica ocidental, como os de Nietzsche, Heidegger e Freud, Derrida escreve: “A qualidade e a fecundidade de um discurso medem-se talvez pelo rigor crítico com que é pensada essa relação com a história da metafísica e aos conceitos herdados. Trata-se aí de uma relação crítica à linguagem das ciências humanas e de uma responsabilidade crítica do discurso. Trata-se de colocar expressa e sistematicamente o problema do estatuto de um discurso que vai buscar a uma herança os recursos necessários para a desconstrução dessa mesma herança.” (Derrida, 2011, p. 412). A partir do final dos anos 1980 e durante a década de 1990, percebemos, numa série de diferentes textos, uma ênfase maior por parte de Derrida com questões de herança, contudo, essa preocupação já existia, praticamente, desde o início de suas reflexões filosóficas.

segredo – que diz “leia-me, alguma vez serás capaz?” (Derrida, 1994, p. 33, grifo do autor)

De modo semelhante aos espectros, a herança, aliás, as heranças são, sempre, ‘mais de uma’ e, ao mesmo tempo, ‘menos de uma’. Elas carregam consigo não somente a marca da pluralidade, mas também a da renúncia à unidade. Nesse sentido, uma herança não consiste em um depósito ou uma reserva situada em lugar predeterminado. Para Derrida, essa metáfora é paralisante, pois redireciona nosso pensamento para a lógica da metafísica da presença, ou seja, da *precisão*. Ao contrário, a noção de herança, derridianamente pensada, busca desconstruir essa fixidez que há na pretensa constituição definitiva das coisas que nos são legadas.

Consideremos a cena proposta na entrevista *Echographies of television – filmed interviews* de 1993, mas publicada somente em 1996: suponha que, um dia, alguém ganhe na loteria ou receba um capital sem ter ciência de onde surgiu. A princípio, Derrida não chamaria a isso de herdar, pois seria necessário que um tal ganho fosse ligado a alguma linguagem, a algum nome ou, ao menos, a uma posição – de pensamento, espaço-temporal etc. – que é sempre singular; além disso, deve endereçar-se a nós enquanto singularidade, convocando-nos respostas: “Uma herança não é simplesmente um bem recebido; é uma atribuição de fidelidade, uma injunção para responsabilidade” (Derrida, 2002, p. 87, tradução nossa). Portanto, as heranças pressupõem marcas singulares¹³ como discursos, linguagens, lugares etc. deixados para as futuras gerações, é através destas marcas únicas que elas acabam sendo transmitidas com o decorrer do tempo.

Um legado é, em si, heterogêneo¹⁴ e, por vezes, conflitante em relação ao que o constitui. O seu discurso é enigmático e impõe-nos a contínua tarefa de desvendamento, isto é, de criação, interpretação ou reinvenção do secreto – aquilo que não se conhece plenamente – que se apresenta como sendo ‘desconhecido’. Ademais, Derrida reconhece que a reafirmação de uma herança diz respeito, *unicamente*, e assim como a memória, à condição

13 O herdar não se limita a possuir algum bem ou, por exemplo, dispor de alguma habilidade técnica. Não herdamos nada que seja considerado universal. Alguém poderia apossar-se de um dado objeto, apresentar-se como sendo seu comprador, comprá-lo efetivamente, entretanto, isso não significaria herdá-lo. Para haver herança é imprescindível que haja transmissão de uma singularidade à outra através de uma filiação que, por sua vez, implicaria afetividade, linguagem e memória: “Sem singularidade, não há herança. A herança institui nossa própria singularidade a partir do outro que nos precede e cujo passado permanece irreduzível” (Derrida, 2002, p. 86, tradução nossa).

14 Como vimos, as heranças são sempre ‘mais de uma’, e esse ‘mais de um’ parece ser ‘originário’. Para Bernardo (2014), os legados assumidos por Derrida – a saber, o bíblico e o helênico-latino – são *mais que plurais*: ambos são também ‘mais que um’ (lê-se: vários), pois possuem uma heterogeneidade estrutural que os impede de cristalizarem-se em torno de uma uni-identidade. Nesse sentido, Derrida é ‘fiel’ a ‘mais de um’ legado: o bíblico pela via messiânica e o helênico-latino através de *khôra*.

de finitude, pois o que é infinito não pode herdar nem ser herdado. Portanto, a injunção que diz ‘escolhe e decide no que herdas’ jamais poderá ser uma, posto que, a cada nova situação, ela pode agir de uma determinada forma, diferir-se diversas vezes e falar com distintas vozes.

Mesmo quando alguém se encontra destinado e/ou prometido ao herdar, não há garantia de que este seja um destinatário privilegiado disso que chega como doação e sobre o qual possa, meramente, aceitar ou recusar. Vir a ser herdeiro implica assumir uma imposição – ou injunção, se atermo-nos a palavra comumente utilizada por Derrida –, a qual reivindica na medida em que concede/doa. Não se trata aqui de exclusivamente ser afetado por alguma herança, mas sim de ser convocado, intimado, solicitado a responder por ela. Existe uma diferença importante entre herdar e ser afetado: este último não gera nenhuma expectativa para além da experiência afetiva-subjetiva, enquanto o herdar suscita nos afetados um certo senso de responsabilidade pelo que se herda, de modo a fazê-los responder e tomar decisões diante disso que os acomete. Essas questões de herança implicam a responsabilização a partir de algo e/ou alguém. Em *Espectros*, Marx e Shakespeare, por exemplo, são duas figuras privilegiadas por Derrida em sua exposição do problema da herança, entretanto, essas reflexões poderiam ser estendidas facilmente a outros corpos pensantes.

Inspirado num texto de Blanchot, Derrida alude a expressão ‘desde Marx’ mencionando que esse ‘desde’ designa sempre o lugar no qual se está engajado – de onde se parte ou se referencia. Indica, portanto, um espaço e um tempo que nos são precedentes ao mesmo passo que, nessa referência, situa-os perante nossa imediata compreensão. Espectralmente marcada, a preposição *desde* referencia, triplamente, o que nos antecede, o que está diante/em frente e o que ainda está para/por vir:

Desde o porvir, portanto, desde o passado como porvir absoluto, desde o não saber e o não advindo de um acontecimento, do que falta ser (*to be*): fazer e decidir (o que significa primeiramente, sem dúvida, o “*to be or not to be*” de Hamlet – e de todo herdeiro que, digamos, venha a jurar diante de um fantasma). (Derrida, 1994, p. 34)

Segundo a leitura de Derrida, nessa parte dos *Espectros*, não é possível entender o ‘desde Marx’ sem entender o ‘desde Shakespeare’¹⁵. O disparate entre as personalidades separadas no espaço e no tempo seria solucionado por meio do desajuste temporal da espectralida-

15 Derrida relaciona as figuras de Marx e Shakespeare porque reconhece que o pensador alemão foi frequentemente inspirado pelo dramaturgo inglês. A teatralização marxiana da Europa moderna possui elementos shakespearianos, o que torna Marx um ‘descendente indireto’ – enfim, herdeiro – de Shakespeare.

de: o deslocamento do presente, um tempo radicalmente disjunto¹⁶ – sem dialética e/ou oposição negativa – incapaz de assegurar uma conjunção definitiva. ‘*The time is out of joint*’ é a famosa frase retirada da peça *Hamlet* que resume a temporalidade naturalmente disjunta da desconstrução¹⁷, bem como a da herança, duas mediadoras entre o que não é mais e o que ainda não é. A disjunção pressupõe sempre um afastamento do outro.

A seguir, Derrida examina uma cena importante na peça: aquela na qual Hamlet lamenta sobre o seu próprio destino trágico. Ao constatar que a época, a história, o mundo e o tempo estão ‘*out of joint*’ (desconjuntados, desvirtuados, fora de lugar, tortos etc.), o protagonista reconhece o seu sinistro dever de endireitá-los (‘*to set it right*’) e pô-los ordenados novamente. Assombrado pelo fantasma paterno que lhe impusera essa tarefa, Hamlet resolve se responsabilizar por essa herança que a princípio não havia escolhido, mas que lhe fora destinada. Assim como ele não pôde renunciar a responder ao pedido de seu falecido pai, nós, também, precisamos aprender a lidar com espectros¹⁸ se, realmente, quisermos herdar determinadas ‘coisas’: “Não se herda nunca sem se explicar com o espectro e, desde então, com *mais de um* espectro. Com a falta mas também a injunção de *mais de um*” (Derrida, 1994, p. 39, grifo do autor).

A herança é, enfim, uma consequência desencadeada espectralmente, conforme demonstra essa passagem shakespeariana. Do mesmo modo que Hamlet, participamos dessa condição enlutada, finita, mortal, necessariamente passiva, secundária: instância que resulta na expectativa pela fala do outro, para, posteriormente, segui-la, e falar na sua vez, como que respondendo à antecedente, predecessora ou primeira escritura. Segundo Ber-

16 À presença do presente pertence a *adikia* (a disjunção) – ou a injustiça, disse Nietzsche: “A disjunção na presença mesma do presente, essa espécie de não contemporaneidade do tempo presente a ele mesmo (essa intempestividade ou essa anacronia radicais, a partir de que tentaremos aqui *pensar o fantasma*) [...]”. (Derrida, 1994, p. 43, grifo do autor).

17 A desconstrução derridiana provém de uma certa ‘anacronia disjuntiva’, pois que seu tempo não é o tempo do presente enquanto presente a si. O espectral, aquilo que transita entre o mundo dos vivos e o dos mortos, o presente e o não presente, uma singular força desestabilizadora da cognoscível aparição, é desconstrutivo por si só. A lei que rege a herança é anacrônica, descontínua, disjunta, heterogênea – ‘*out of joint*’, portanto.

18 Um espectro é um retornante, não há como controlar as suas idas e vindas porque ele começa por retornar, afirma os *Espectros*. Ainda assim, é necessário aprender a lidar com eles. Segundo Derrida, os *scholars* não sabem dirigir-se aos espectros. Esses ‘especialistas’ não acreditam em fantasmas nem no dito ‘espaço virtual da espectralidade’, pois para eles basta olhar/observar para saber. Um *scholar* permanece, portanto, preso ao binômio da objetividade. Contudo, Derrida parte de uma possibilidade posta em cena – encontro de Hamlet com o fantasma de seu pai – para introduzir o espectro enquanto alguma ‘coisa’ possível. Ao mesmo tempo que ‘irreal’, no sentido de não ser conforme à ordem do binômio real/não real, o espectro é poderoso e virtualmente mais eficaz do que uma viva presença.

nardo (2011), em um belíssimo texto, essa é a destinação de tudo aquilo que é finito – do herdeiro ou simplesmente do vivente humano; o caminho, a direção, o futuro, o por vir, o propósito (último) daqueles que *sempre vêm depois*, portanto, que vem a seguir...

Ainda a propósito da sentença ‘*The time is out of joint*’, Derrida pergunta: “Como pode estar presente, de novo, quando seu tempo não está mais presente?” (Derrida, 1994, p. 73). Esse enigma da continuidade pode ser respondido por meio do trabalho da herança, pois há nesta ação uma dimensão performativa que subverte a décima primeira afirmação das *Teses sobre Feuerbach*¹⁹ (1845) de Marx: uma singular interpretação que transforma na mesma medida em que interpreta, performatiza, reafirma, transformando tão radicalmente quanto preciso. Isso seria também ‘fiel’ a certo espírito/legado marxiano que, desde o princípio, convida à renovação:

A herança não é jamais dada, é sempre uma tarefa. Permanece diante de nós, tão incontestavelmente que, antes mesmo de querê-la ou recusá-la, somos herdeiros, e herdeiros enlutados, como todos os herdeiros. [...] Todas as questões concernentes ao ser ou ao que há em ser (ou em não ser: *or not to be*) são questões de herança. Não há nenhuma devoção passadista em lembrá-lo, nenhum sabor tradicionalista. A reação, o reacionário ou o reativo, é o caso, unicamente, de interpretações da estrutura da herança. *Somos* herdeiros, o que não quer dizer que *temos* ou que *recebemos* isto ou aquilo, que tal herança nos enriquece um dia com isto ou aquilo, mas que o *ser* disso que somos *é*, primeiramente, herança, o queiramos, saibamos ou não. (Derrida, 1994, p. 78-79, grifo do autor)

Aqui, Derrida estabelece uma equivalência entre ser e herdar. Para o filósofo, ser é, portanto, sinônimo de ‘ser herdeiro’: alguém endividado e enlutado originariamente, como o são todos os herdeiros. Herdar quer dizer, então, ser; se somos herdeiros, não recebemos nem possuímos uma herança, mas sim a *testemunhamos*: “Testemunhar seria testemunhar do que *somos* à medida que *herdamos*, e aí está o círculo, aí está a oportunidade ou a finitude, herdamos isto mesmo que nos permite dar testemunho” (Derrida, 1994, p. 79, grifo do autor). Foi Hölderlin quem chamou ‘isto’ de *linguagem* – aquilo que é herdado, transmitido, porém nunca apropriado absolutamente. De acordo com Derrida em *Echographies* (2002), apropriar-se – ou melhor, *ex-apropriar-se*²⁰ – de um legado não lhe dá nenhum direito de

19 Aquela na qual Marx diz que os filósofos de todos os tempos *apenas* interpretaram o mundo de diferentes modos, quando, na realidade, o mais relevante seria transformá-lo.

20 Embora não seja o objetivo deste artigo, é válido explicitar que em *Echographies*, Derrida refere-se ao termo ‘ex-apropriação’ em sua relação com o significado em geral: “E o que eu chamo ‘ex-apropriação’ é esse duplo movimento no qual vou em direção ao sentido enquanto tento me apropriar dele, embora sabendo, ao mesmo tempo, que ele permanece – embora deseje, quer eu perceba ou não, que permaneça – estrangeiro, transcendente, outro, que fica onde há alteridade. Se eu pudesse reapropriar totalmente o sentido, exaustivamente, e sem resto, não haveria sentido. Se eu absolutamente não quisesse me apropriar dele, também não há sentido. E então o que é necessário [...] é um movimento de *apropriação finita*, uma

propriedade sobre ele, mas somente o direito de administrá-lo enquanto espera por sua (re)transmissão.

Considerações finais

Marx e o marxismo foram tomados por metonímias nos *Espectros* para referir-se ao que Derrida chamou de ‘estado da dívida’. Um legado não poderia ser calculado conforme os termos de um inventário exaustivo, estatístico e estático. Herdar ou legar significa muito mais do que fazer uma mera contabilidade daquilo que profundamente nos marca:

Tornamo-nos contadores por meio de um compromisso que seleciona, interpreta e orienta. De forma prática e performativa. E por meio de uma decisão que começa por se tomar, como uma responsabilidade, nas redes de uma injunção já agora múltipla, heterogênea, contraditória, dividida – logo, de uma herança que sempre guardará o seu segredo. (Derrida, 1994, p. 127)

Aqui deve haver resposta perante o que fora deixado por alguém, mas sem garantia nem simetria de que essa herança permanecerá inalterável em sua forma e/ou em seu conteúdo. O equivalente do herdar, no pensamento derridiano, é acolher e escolher responder a um legado, dando-lhe porvir a partir de seu passado, respondendo-lhe e respondendo por ele, assumindo o dever ou a responsabilidade de guardá-lo, reinventá-lo, transformando uma certa memória, dada a abertura estrutural do seu (im)próprio *corpus*.²¹

Quanto mais uma determinada época encontra-se ‘*out of joint*’, diz Derrida, mais necessário se faz um apelo ao que nos antecede. A convocação de espíritos predecessores consiste em um empréstimo: ao evocarmos o passado, através dessas espectrais figuras, confiamos e creditamos a elas esta possibilidade de reinvenção/renovação que o trabalho das heranças nos exige:

Mas uma fronteira instável e apenas visível atravessa essa lei do fiduciário. Ela passa entre uma paródia e uma verdade, mas uma verdade como encarnação ou repetição viva do outro, uma revivescência regeneradora do passado, do espírito, do espírito do passado de que se herda. A fronteira passa entre uma reprodução mecânica do espectro e uma

ex-apropriação.” (Derrida, 2002, p. 111, grifo do autor, tradução nossa). O que foi citado aqui em relação ao sentido vale não somente para a herança, mas para outros quase-conceitos operados por Derrida: nenhum deles pode ser completamente (re)apropriado, pois o movimento mencionado preserva uma abertura infinita às suas respectivas ‘constituições’ e operações.

²¹ A heterogeneidade radical de uma herança não se pode nunca juntar em uma unidade; não há uma única coisa a se herdar, mas múltiplas escrituras – escritas, vozes – que retornam: “Não há herança sem apelo à responsabilidade. Uma herança é sempre a reafirmação de uma dívida, mas uma reafirmação crítica, seletiva e filtrante; é por essa razão que distinguimos vários espíritos.” (Derrida, 1994, p. 124). E estes são todos heterogêneos em si mesmos, assim como suas injunções.

apropriação tão viva, tão interiorizante, tão assimilante da herança e dos “espíritos do passado”, que outra não é senão a vida do esquecimento do materno, para fazer viver em si o espírito. (Derrida, 1994, p. 150)

Passagem de uma herança a outra. A apropriação viva de um espectro – cultura, espíritos, ideais, línguas etc. –, a sua assimilação por parte de um sucessor já é uma forma de herança, ainda que nem sempre trabalhada. O espectro funciona como uma ‘pré-herança’ que precisa ser esquecida o suficiente para poder, efetivamente, haver herança. Nesse sentido, é necessário atravessar essa pré-herança a fim de podermos apropriarmo-nos de uma vida nova.

Enquanto espectro, a herança obsidial²², sentimos sua ‘presença’, reconhecemo-la, entretanto, isso não significa assumi-la de imediato. Ela é recorrente, um ‘retornante’ que pode, ou não, se reproduzir amigavelmente; nesses termos, a frequência do espectro *assombra* também. A dimensão ético-política da herança ordena que aprendamos a viver e a conviver com espectros, queiramos ou não, assumidamente, decididamente ou, de modo paradoxal, negando-os simplesmente, mas reafirmando-os nesse gesto excludente. Considerando que não há uma uniformidade quanto a elaboração do herdar, essa prática se reconfigura a cada inédita situação:

Uma herança não sendo nunca natural, pode-se herdar mais de uma vez, em lugares e em momentos diferentes, optar por esperar o momento mais apropriado, que pode ser talvez o mais intempestivo – escrevê-la segundo diferentes *linhagens*, e assinar assim com mais de um *alcance*. (Derrida, 1994, p. 223-224, grifo do autor)

Espectros de Marx é uma obra significativa em que Derrida expressa a herança nos termos de sua aproximação com a enigmática figura do espectro – a qual desconstrói a binaridade de oposições como vivo/morto, real/irreal etc.; o espectro não é somente um fantasma, um ‘retornante’, o que vem a contratempo lembrar-nos do que herdar, porém, ‘é’ também o que reinsere a dimensão fantasmática na cena da discussão ético-política. A aceitação simples de uma herança não implica que sejamos todos meramente passivos com relação ao passado; não se trata de uma abordagem tradicionalista que simplesmente ‘olha para trás’. *Somos* herdeiros, contudo, isso não equivale a afirmar que algum passado nos determina obrigatoriamente determinada coisa. Com efeito, há injunções vindas de algum lugar no passado, no entanto, estas nos engajam a criticar, a responder, a selecionar, objetivando

22 A chegada determinante do espectral no campo do pensamento permitiu a Derrida pôr em prática a desconstrução da ontologia tradicional: “Obsidiar não quer dizer estar presente, e é preciso introduzir a obsessão na construção mesma de um conceito. De todo conceito, começando pelos conceitos de ser e de tempo. Eis o que chamaríamos, aqui, uma obsidiologia (*bantologie*). A ontologia não se opõe a isso senão em um movimento de exorcismo. A ontologia é uma conjuração.” (Derrida, 1994, p. 214).

ou visando ‘algo’ que ainda está por vir.

No pensamento de Derrida, a herança não pode ser compreendida como se fosse um bem capitalizável ou rastreável. Na verdade, ela se mescla com o espectral, no sentido de uma abertura à refiliação. É preciso ser fiel sendo *in-fiel*, pois um herdeiro, digno desse nome, precisa responder a uma injunção que, na realidade, é dupla: a saber, reafirmar de maneira ativa um dado espírito que nos chama, convoca e, por outro lado, não o repetir simplesmente, preservando-o ‘vivo’ ao desenvolvê-lo *diferencialmente*. Toda herança nos acerta como imposição, logo, a atitude ou postura quanto a ela é que precisa ser distinta, podendo reativá-la/reinterpretá-la responsabilmente tendo mínima consciência do que imperativamente vem.

Por conseguinte, não há heranças que sejam uma/una e/ou homogêneas em si, pois estruturalmente são elas marcadas por uma heterogeneidade necessária e uma pluralidade radical. Se Derrida soube bem herdar é porque foi capaz de acolher, guardar, reinventar, transformar o legado da ocidentalidade filosófica da qual faz parte. Sendo singularmente herdeira de inúmeras tradições, a desconstrução derridiana revela-se aporética, atenta às alteridades, aos limites, sendo hiper-radical, impossível, incondicional, irreduzível, quase-transcendental. Desse modo, nem a escritura de Derrida nem o texto da filosofia ocidental falam unissonamente, nem são unos consigo mesmos.

A herança enquanto experiência é imprescindível, entretanto, Derrida aconselha o seguinte: esse termo comporta conotações edificantes – da parte de quem lega/transmite – e piedosas – da parte dos que herdaram –, das quais o filósofo possui desconfianças e, por isso, *talvez*, fosse necessário encontrarmos um outro termo. Afinal, o que há é passagem de uma geração a outra, de um lugar a outro, de um pensamento a outro: deslocamento, novidade, relançamento, transmissão.

Bibliografia

- BERNARDO, Fernanda. Do pensamento do ser ao pensamento do rastro – Derrida leitor de Heidegger - Heidegger e França – um acontecimento incomparável. **Poiesis: Revista de Filosofia**, Montes Claros, v. 15, n. 2, p. 05-52, 2017.
- BERNARDO, Fernanda. Eco-grafias – *Dar a língua*: contra-assinatura, re-invenção e sobrevivência - Ovídio – Derrida. **Revista Filosófica de Coimbra**, n. 39, p. 247-262, 2011.
- BERNARDO, Fernanda. Não há desconstrução sem democracia – Não há democracia sem desconstrução – Idiomas da resistência – Promessas de reinvenção: o pensamento tal como a democracia por vir. In: HADDOCK-LOBO, R. et al. (Orgs.). **Heranças de**

- Derrida: da ética à política.** (1. ed). Rio de Janeiro: NAU, 2014.
- Derrida, Jacques. **A escritura e a diferença.** (4. ed). Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- Derrida, Jacques. **Espectros de Marx:** o Estado da dívida, o trabalho de luto e a nova Internacional. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- Derrida, Jacques. Fidelidade a mais de um: merecer herdar onde a genealogia falta. Tradução de Paulo Ottoni. In: OTTONI, Paulo. **Tradução manifesta: double bind & acontecimento.** Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: EDUSP, 2005, p. 167-198,
- Derrida, Jacques. **Gramatologia.** Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- Derrida, Jacques. **Margens da Filosofia.** Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. São Paulo: Papyrus, 1991.
- Derrida, Jacques. **O monolinguismo do outro – ou a prótese de origem.** Tradução de Fernanda Bernardo. Porto: Campos das Letras, 2001a.
- Derrida, Jacques. Outrem é secreto porque é outro. Tradução de Evando Nascimento. In: Derrida, Jacques. **Papel-máquina: a fita da máquina de escrever e outras respostas.** São Paulo: Estação Liberdade, 2001b, p. 331-358.
- Derrida, Jacques. **Sob palavra: instantâneos filosóficos.** Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2004.
- Derrida, Jacques.; STIEGLER, Bernard. **Echographies of television: filmed interviews.** Translated by Jennifer Bajorek. Cambridge: Polity Press, 2002.
- DUQUE-ESTRADA, Paulo César (Org.). **Às margens: a propósito de Jacques Derrida.** São Paulo: Loyola, 2002.
- DUQUE-ESTRADA, Paulo César (Org.) **Desconstrução e Ética – Ecos de Jacques Derrida.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.
- DUQUE-ESTRADA, Paulo César (Org.) **Espectros de Derrida.** Rio de Janeiro: NAU Editora; Ed. PUC-Rio, 2008.
- HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade: doze lições.** Tradução de Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HADDOCK-LOBO, Rafael. **Derrida e o labirinto de inscrições.** Porto Alegre: Zouk, 2008.
- RODRIGUEZ, Daniel. Derrida e o problema de uma ‘nova Internacional’ - A herança marxista da desconstrução e a ética da hospitalidade. **Ensaio Filosófico**, Rio de Janeiro, v. VIII, p. 23-43, dez. 2013.

SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. **Desconstrução e arquitetura: uma abordagem a partir de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: Uapê, 2009.

SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. Jacques Derrida e a frequência dos espectros. In: HADDOCK-LOBO, Rafael. et al. (Orgs.). **Heranças de Derrida: da ética à política**. (1. ed). Rio de Janeiro: NAU, 2014, p. 143-161.